

DOI: <https://doi.org/10.13037/ci.vol21n47.7330>

## Redes de aquilombamento contra a COVID-19: uma análise das estratégias de coletivos populares na grande Recife

*Aquilombamento Nets against COVID-19: an analysis of the strategies of popular collectives in Greater Recife*

Luiz Carlos Pinto da Costa<sup>a</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4112-4152>

Submetido em: 24/ 08/2020. Aceito em : 23/09/2020.

### Resumo

Este artigo analisa modos de articulação periférica na Região Metropolitana do Recife que se organizaram para estabelecer estratégias de sobrevivência às ameaças produzidas pela pandemia da Covid-19. Sugiro que essa rede possui elementos da prática quilombista e desenvolve atividades educacionais não escolares com tecnologias digitais direcionadas às populações desses territórios. Para análise de conteúdos e dinâmicas, lanço mão da noção de experiência desenvolvida por Jorge Larossa e o próprio conceito de quilombismo, de Abdias Nascimento.

**Palavras-chave:** Pandemia. Experiência. Quilombismo. Narrativas. Comunicação.

### Abstract

This article analyzes peripheral modes of articulation in the Metropolitan Region of Recife that were organized to establish strategies for survival against the threats produced by the Covid-19 pandemic. I suggest that this network has elements of quilombista practice and develops non-school educational activities with digital technologies aimed at the populations of these territories. For content and dynamics analysis, I use the notion of experience developed by Jorge Larossa and the very concept of quilombism, by Abdias Nascimento.

**Keywords:** Pandemic. Experience. Quilombismo. Narratives. Communication.

### Introdução

Parte importante do entendimento das particularidades brasileiras de uma cultura digital vinculada a laboratórios experimentais, encontros de conhecimentos livres, Pontos de Cultura, e outras experiências institucionais da primeira década do Século XXI já foi

<sup>a</sup> Universidade Católica de Pernambuco – Brasil. E-mail: [lula.pinto@unicap.br](mailto:lula.pinto@unicap.br)

razoavelmente mapeada. Nestas experiências, há o registro do encontro entre um vocabulário e práticas hackers e de mídia tática (com influência europeia, urbana, branca e de classe média) com movimentos sociais, culturas populares e tradicionais (FONSECA, 2017).

O conjunto de experiências tratadas neste artigo opera numa chave bem diferente dos chamados *laboratórios cidadãos* que emergiram com mais força nos primeiros anos dos governos Lula. Todos os grupos aqui tratados podem ser enquadrados em uma geração política que já questionavam as atuais opressões e injustiças e também as do passado. Nesse sentido, não é de estranhar que tais ações coletivas se associem e manifestem a ideia de ancestralidade. Ao usar o termo ‘geração política’ associo-me à ideia de considerar uma produção política a partir de uma experiência comum de embates, questões e desejos que se abrem em um determinado momento histórico (MORAES; TIBLE, 2015).

Tais grupos materializam um protagonismo coletivo muito importante no novo ciclo de lutas que se abriu no Brasil desde as marchas de 2013 e que, nos dias que correm, não reivindicam a participação no Estado, mas a criação de novas realidades e relações, numa política de vida (SIMAS; RUFINO, 2020) que se realize agora, não num projeto futuro, e que conecta a lutas variadas, de forma descentralizada e não-essencialista<sup>1</sup>: legalização da maconha, a redução da maioridade penal e a ameaça de retrocesso nos direitos das mulheres, dos trabalhadores e trabalhadoras ou dos povos indígenas e quilombolas.

A linguagem das redes e o desafio de usar e criar tecnologias para tratar de problemas estruturais de maneiras contingentes também tem sido uma constante nesses coletivos, cuja constituição é muito orientada pela territorialidade. Essas características vem sendo mapeadas a mais de um ano,<sup>2</sup> no âmbito de uma pesquisa que é animada pela busca de elementos pedagógicos que coloquem a experiência dos sujeitos afrodescendentes no centro do processo de protagonismo com tecnologias da informação e comunicação – em particular, de objetos técnicos necessários à produção de narrativas. Também é possível considerar que a potência inovadora dessas experiências revela processos de aprendizado comunicativo baseado numa linguagem corporal, efêmera, para dar conta de desafios ou ameaças localizadas – ou que se

---

<sup>1</sup> As cartografias de emergência organizadas por Alana Moraes, Bruno Tarim e Jean Tible (2015) são uma boa coletânea disso. Outra boa referência é formada pelo conjunto de apropriações civis da tecnologia GPS (da Costa Jr. e Faltay, 2015)

<sup>2</sup> A procura pela compreensão e sistematização das metodologias, estratégias e táticas de uso de redes sociais, hardwares e softwares, linguagens de programação, gameficação, dados e narrativas a partir de perspectivas afro-brasileiras tem indicado, na pesquisa em andamento, a necessidade e a conveniência de uma abordagem afro-centrada – em particular a partir das contribuições de Molefi Kete Asante, Cheik Anta Diop e Abdias Nascimento. Também tem sido mobilizados elementos da filosofia afroperspectivista, para a qual Renato Nogueira (2011) tem dado enorme contribuição.

atualizam de formas diferentes para contextos específicos, ainda que tais contextos sejam modulados por enquadramentos estruturais.

A pandemia do novo Corona-vírus e o forçado isolamento social evidenciou ainda mais algumas dessas características, nesses grupos, para dar conta da necessidade de sobrevivência coletiva diante do drama vivenciado por centenas de famílias que convivem com uma dupla dificuldade. De um lado, a redução das oportunidades de trabalho e de renda; e, do outro lado, o déficit de informação de qualidade no que diz respeito aos efeitos causadores da Covid-19 e às medidas de cuidado e higiene pessoal e coletiva para evitar ou tratar a doença. A articulação de grupos periféricos em cidades da Grande Recife, analisadas aqui, procura minimizar os efeitos desses dois problemas.

A ação, nesses termos, carrega uma dupla dimensão pedagógica que a análise procura depurar: como aprender a incidir nos territórios, lançando mão de recursos sócio-técnicos, minimizando os riscos à própria vida? Como usar os dispositivos (celulares, redes sócio-técnicas, rádio, web, podcasts, vaquinhas online) para articulações coletivas de saúde e cuidado? A análise das experiências desses grupos pode servir para compor uma prática educativa de leitura crítica da mídia e produção de conteúdos que minimize os efeitos de um contexto de desinformação atual no país. O risco com o qual os grupos analisados operam é muito alto. A desinformação, a falta de estrutura sanitária e a crise econômica, agravada pela pandemia, ampliam a margem de fatalidade com a qual as populações periféricas já convivem.

Enquanto escrevo esse texto, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Covid-19 do IBGE relativo a junho de 2020 registra que a cada 10 pessoas contaminadas, sete são pretas ou pardas. A maior parte dessas pessoas são mulheres (57,8%), fator explicado por serem as mulheres a assumirem os cuidados de pessoas doentes, no chamado “cuidado perigoso”, analisado por Pimenta (2015). A pesquisa do IBGE também mostra que foram as mulheres as mais afetadas o mercado de trabalho: 18,3% delas estavam paradas, diante de 11,1% dos homens. Ainda segundo o IBGE, quase metade (48,4%) dos 11,8 milhões de trabalhadores nessa situação exclusivamente devido à pandemia ficaram sem receber salário nenhum.

O protagonismo feminino no trabalho desenvolvido pelas ações coletivas acompanhadas já se evidenciava antes da pandemia. No contexto que se estabeleceu a partir de meados de março de 2020, se ampliou – a partir do que se pode depreender dos conteúdos nos perfis nas redes sociais desses grupos. As redes passaram a ecoar de forma mais intensa metodologias feministas de cuidado e inclusão, de potência e invenção, acolhendo e

potencializando características das comunidades locais, como se poderá ver com mais detalhes na análise mais à frente.

### **Experiência: percurso e perigo**

Se é verdade que a pandemia fortaleceu a necessidade de repensar os modos de vida e de produção contemporâneos (LATOURE, 2020; NUNES, 2020), as formas de relacionamento com o outro e a natureza, também impôs uma severa agenda de aprendizado a movimentos sociais e ações coletivas. A nova ameaça com a qual tais grupos passaram a se relacionar se soma à já tradicional agenda de disputas e obstáculos – que envolve o racismo institucional e estrutural; as precariedades de ordem sanitária; a falta de equipamentos culturais; o desemprego, a falta de moradia, instabilidade alimentar e a fome.

A todos esses problemas, as ações coletivas mais ou menos organizadas respondem, tradicionalmente, com o corpo – o corpo político, vetor que conduz à presença, à ação, à deliberação, à defesa; que produz o discurso, o convencimento, o argumento. O que acontece quando a crise sanitária recomenda a não convivência e o contato social? Como escapar de um processo de reificação que endereça as soluções (para os problemas causados pela pandemia) às ferramentas de conexão e minimiza a necessidade de adequar metodologias de ação, intervenção e aprendizado?

A crise sanitária também expõe uma verdade inconveniente: o atual sistema de comunicação científica não atende às necessidades da ciência e da sociedade, como discutem Vincent Larivière, Fei Shu e Cassidy R. Sugimoto (2020). Mais especificamente, como os autores observam, a crise manifesta duas ineficiências no sistema de pesquisa: o padrão para a ciência fechada e a ênfase excessiva num modelo de publicação elitista, independentemente do contexto e das consequências da pesquisa. Essa constatação se associa de maneira muito problemática ao contexto brasileiro, cuja vida política parece ter sido inoculada (uso o termo próprio das ciências biológicas para reforçar a ideia) por uma onda de desinformação, que deslegitima os discursos científicos e jornalísticos e que parece ter vindo para ficar.

É nesse contexto que o presente artigo se apoia na ideia de resgate da experiência como elemento necessário para a construção de conhecimento, mas também de linguagens e de discursos. O trabalho de Jorge Larossa (2014) em desenvolver uma proposta pedagógica baseada no par experiência/sentido tem uma forte aderência com esse objetivo. Seu investimento o leva a procurar dar legitimidade e dignidade à experiência e por isso é referência que se mostrou muito útil para se analisar processos de organização coletiva

desenvolvidos por grupos periféricos da cidade do Recife e suas respostas às ameaças que o surto do novo coronavírus (Covid-19). Nesse sentido, esse texto também se insinua como uma resposta à necessidade de adequar estratégias de leitura crítica da mídia, checagem de informação e produção de narrativas que possam ser mobilizadas nos territórios periféricos, em um contexto de risco como o que se instalou com a pandemia do novo Corona vírus.

Impõem-se algumas questões: o que é essa experiência a que se refere Larossa? Quem é o sujeito da experiência? Que conhecimentos emergem dessa relação? Em português, em italiano e em inglês, o sujeito da experiência é acima de tudo um espaço onde tem lugar os acontecimentos. O sujeito da experiência, seja como território de passagem, lugar de chegada ou espaço onde as coisas acontecem, se define por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. É interessante considerar a etimologia da palavra experiência: o radical é *periri*, que se encontra também na palavra *periculum* (perigo). A raiz indo-européia é *per*, que se vincula com a noção de *travessia*, primeiramente e com a ideia de *prova* também.

Assim, seguindo raciocínio de Larossa, o sujeito da experiência tem algo desse ser que se expõe a uma travessia de um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. Há, ainda, o ‘ex’ da palavra, que sugere exterior, estrangeiro, exílio, estranho e existência – e todas essas referências nos sugerem que “a experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente ‘ex-iste’ de uma forma singular, finita, imanente, contingente”, (LAROSSA, 2014, p. 27). Assim, há, inseparavelmente, tanto nas línguas latinas quanto nas germânicas a dimensão de travessia e de perigo envolvidas.

Larossa procura dar sentido a esse investimento (por uma linguagem e a produção da experiência) considerando as ameaças à experiência a partir dos relatos do escritor húngaro Imre Kertész, do filósofo alemão Walter Benjamin e do pensador italiano Giorgio Agamben, cujas reflexões apontam, para a impossibilidade da experiência – por razões diferentes: guerras, industrialismo, o nazismo, mas também por excesso de informação, por excesso de trabalho, a velocidade dos acontecimentos, a obsessão pela novidade.

Entretanto, a ameaça à experiência de povos cujos países se formaram sob os desígnios da colonialidade, sempre esteve presente por algumas razões que lhe são específicas. Desse modo, a noção de risco, mas também a necessidade de desenvolvimento de linguagens e conhecimentos a partir do par experiência/sentido ganha grande importância nas estratégias das populações marginalizadas em países como o Brasil. Ou seja, refiro-me à

perspectiva na qual “corpos que se erguem dos destroços, dos cacos despedaçados e inventam outras possibilidades no movimento inapreensível da ginga” (RUFINO, 2019, p. 41)

### Corpo, afetos e quilombismo

As pessoas pretas e pessoas brancas tem experimentado de formas diferentes os constrangimentos impostos pelo surto da Covid-19. Por isso são diferentes os questionamentos, interpretações e avaliações dessas experiências: as disposições, os modos, os paradigmas e metodologias usados para lidar com tal realidade (compreendê-las e, quando possível, contrapô-las) podem diferir das disposições, os modos, os paradigmas e metodologias dominantes<sup>3</sup>.

Falar da experiência dos corpos pretos submetidos às atualizações contemporâneas de negação da fala (RANCIÈRE, 1996) ou ao adoecimento e morte por asfixia decorrente de uma síndrome respiratória aguda provocada pelo vírus da Covid-19 evoca afetos negativos como dor, decepção e raiva. Daí a necessidade de essa discussão partir da localização psicológica ou cultural, cujas características se desenvolvem num contexto de uma ordem de marginalidade que se atualiza e se explicita de forma radical com a pandemia. O perfil dos casos de infecção respiratória aguda grave por Covid, de óbitos e mesmo dos casos leves, explicitam essa localização<sup>4</sup>.

Uma perspectiva importante sobre a formação da subjetividade contemporânea propõe que ela se cria como exterioridade, se forma no ato mesmo de sua publicização, como performance. Esse argumento lembra que, ao longo da modernidade, as formas de vida resultavam do cruzamento dos poderes normativos como as instituições judiciais, carcerárias, psiquiátricas e educacionais. Na atual sociedade pós-disciplina, as formas de vida se criariam em processos de autogestão, nos quais a imagem desenvolve um papel de projeção e experimentação em dispositivos como reality shows, blogs, fotologs, redes sociais (BRASIL, 2010). Ou seja, a espetacularização da vida íntima nesses dispositivos produzem o foro íntimo (BRUNO, 2004).

Embora pareça problemático o viés normalizador dessa perspectiva, por idealizar uma única subjetividade, desconsiderando elementos não midiáticos de produção de subjetividades coletivas, parece-me importante resgatar o seguinte.

---

<sup>3</sup> O mesmo tipo de especificidade já vinha sendo observada nas limitações ao acesso de tecnologias, bem como à produção de narrativas em ambiente online.

<sup>4</sup> As informações disponibilizadas pelo Boletim Epidemiológico do Estado de Pernambuco indicam que, desde meados de Março de 2020, quando o surto passou a ser computado, pretos e pardos são, na média, 75% dos acometidos pelo corona vírs. Também correspondem, em média, a 77% dos óbitos.

São vários os modos como a vida ordinária se figura na mídia e na arte, mas, na maioria dos casos, essa figuração avança da representação à experiência e a imagem deixa de ser apenas um lugar de visibilidade para se tornar, intensamente, um espaço de performance, (de interatividade, atuação e reinvenção de si). Não estamos, então, no domínio da pura representação, mas da representação tornada performance, da performance tornada jogo e, por fim, do jogo generalizado como estratégia de gestão (BRASIL, 2010, p. 192).

A perspectiva circular de estar e ver o mundo, bem como de lidar com as imagens, apresentada por Antônio Bispo dos Santos, fornece, por outro lado, uma das chaves de compreensão dessa “localização psicológica ou cultural” a que me refiro e que precisa ser considerada em sua dimensão coletiva. O uso de imagens, o domínio da representação, a dimensão performativa e a necessidade de gestão convergem na capacidade resolutive a que Bispo se refere:

O pensamento circular dos povos e das comunidades tradicionais permite que a gente use as imagens como defesa quando somos atacados. Nosso pensamento permite dimensionar melhor as coisas, os movimentos e os espaços. Os espaços circulares recebem melhor a diversidade do que os espaços retangulares. A gente compreende a necessidade de existir das outras pessoas e dos outros viventes; percebemos a importância de cada um. Pensamos muito a partir das imagens, porque esse é o ambiente onde a gente vive e realiza nossa vida. Não pensamos a partir das teorias; existe até uma dúvida muito grande sobre se é a forma que determina o conteúdo ou o conteúdo que define a forma. Eu digo que são as duas coisas. Se eu sair com uma sandália que serve no meu pé e caçar outro pé que vai servir nela, eu vou achar. Essa sandália é uma forma que vai determinar um conteúdo. E se eu sair caçando uma sandália para servir no meu, também vou achar (BISPO, 2018, p. 114).

Como sugere Grada Kilomba (KILOMBA, 2019, p. 68), a margem não deve ser vista apenas como um espaço periférico e de perda e privação, mas como um espaço de resistência e possibilidade. Nesse sentido, as imagens mobilizadas em rede a que esse estudo se refere parecem expressar uma capacidade de exercício de poder, “compreendendo esse poder como a pressão que uma imagem exerce contra a outra”, como lembra Nêgo Bispo (2018, p. 118).

O modelo associativo por excelência de sustentação, autonomia e sobrevivência de comunidades afro-brasileiras possui algumas dessas características, variando muito ao longo da história – rede de irmandades, confrarias, clubes, grêmios, terreiros, centros, tendas, afochés, escolas de samba e gafieiras. Sua eficaz mobilização se deve ao “profundo apelo psicossocial cujas raízes estão entranhadas na história, na cultura e na vivência dos afro-brasileiros”, (NASCIMENTO, 2002, p. 338). As várias formas associativas dessa práxis, nomeada por Abdias Nascimento de quilombismo, formaram uma unidade de afirmação humana, étnica e cultural que inspira, como ideia-força, diversos modelos de organização dinâmica desde o Século XV.

É, por isso, difícil desconsiderar a importância e a influência dessa instituição na análise de organizações coletivas das populações afro-descendentes que tomam para si a tarefa de desenvolver estratégias de convivência e sobrevivência às ameaças representadas pela pandemia da Covid-19 nos territórios periféricos. Em sintonia prática, mas também reflexiva, com o sentido de conceito-operativo desenvolvido por Abdias Nascimento, tais ações coletivas se organizam atualizando o quilombismo, revigorando-o de tal forma que se coloca em prática processos não-escolares de aprendizado com tecnologias que veiculam, com e pelas imagens, discurso.

É importante ainda lembrar, como projeta Abdias Nascimento, que não é só o quilombismo que se atualiza como ideia força e instrumento conceitual operativo. Contemporaneamente, suas formas de atualização são respostas não heterogêneas aos processos de atualização do Estado brasileiro e em particular ao negacionismo científico. Ao resgatar as referências quilombistas, os coletivos de comunicação popular aqui analisados entendem que o negacionismo científico, que o ambiente de desinformação, assim como o extremismo policial, são atualizações do processo de genocídio da população negra que, segundo Nascimento, é sistemático. Da mesma forma, tais sujeitos coletivos consideram que as políticas públicas de convivência com o vírus que provoca a síndrome respiratória aguda associado ao Corona Vírus não são confiáveis - e é nesse sentido que, ao mobilizar discursivamente a ação quilombista, os grupos em análise acionam aquilo a que Abdias Nascimento reivindicou como um “método de análise, compreensão e definição de uma experiência concreta”, (NASCIMENTO, 2002, p. 349).

O que se apresenta em seguida é o conjunto de conteúdos dos perfis do Instagram<sup>5</sup> produzidos por cinco redes de ações coletivas, de onde procuro retirar elementos que orientem processos de aprendizado com tecnologias da informação e comunicação, práticas de leitura crítica da mídia e combate à desinformação.

### *Corpus*

O corpus desse artigo é formado por rastros digitais deixados por um conjunto de cinco organizações populares distribuídas em 15 bairros do Grande Recife. Esses protagonistas já desenvolviam atividades variadas nas respectivas localidades e passaram a

---

<sup>5</sup> Principal rede usada pelos grupos analisados



redirecionar parte considerável de seus esforços para desenvolver ações de edu-comunicação sobre a Covid-19 direcionadas a moradores dessas comunidades.

A articulação comunal que se depreende dos elementos até agora coletados explicitam um entendimento de que tais comunidades estão entregues à própria sorte, sem poder contar com certeza das ações governamentais – nem municipal, nem estadual e muito menos federal. Daí a aderência – literal - ao conceito de quilombismo e seus significantes, como já mencionado. Essa aderência é aqui entendida tanto por parte dos grupos estudados (ou seja, o conceito-operativo desenvolvido por Abdias Nascimento) quanto como elemento de análise – ou seja, como conceito analítico.

Os sujeitos dessa experiência incorporam um sentimento de perigo com suas ações – que pontuam uma notável continuidade entre as performances virtuais e a presença nas ruas, apesar do risco da infecção constante. A esse espectro, contrapõe-se um cuidado coletivo evidenciado nos posts das redes sociais digitais utilizadas, presente em uma narrativa mais ou menos constante tanto nas produções virtuais (fotos, vídeos, posts em redes sociais), quanto na produção física – evidenciada em pixações, lambes, panfletagem e conversas nas ruas, onde informações sobre a doença são compartilhadas com as vizinhanças.

### **Os grupos estudados são os seguintes:**

**Centro Comunitário Mário de Andrade** – Bairro do Ibura, Recife. Atua no bairro do Ibura, onde vive uma população de 50.617 habitantes<sup>6</sup>. O centro foi fundado por Joelma Andrade, cujo filho, Mário, de 14 anos, foi assassinado por um policial.

**Rede Orgânica Periférica Olinda** – Foi formada para articular sete grupos no enfrentamento à pandemia e seus efeitos: Grupo Comunidade Assumindo as Crianças (bairro de Peixinhos); Biblioteca Multicultural Nasedouro (Peixinhos); Coletivo Sempre Vivas (bairros de Rio Doce/ Ouro Preto/ Jardim Brasil); Grupo Sonho, Organização e Luta (comunidade Alto Sol Nascente); Boi Mandingueiro e Grupo Teatro Atual (Alto Sol Nascente, Alto da Bondade, Mata do Ronca); Projeto Feneaalto (Alto da Conquista ) e Biblioteca Solar de Ler/ Centro Cultural Luiz Freire (comunidades V8, Portelinha e Ilha do Maruin)

**Coletivo Força Tururu** – Se autodenomina “Grupo de comunicação popular e comunitária que atua na comunidade do Tururu, que fica na região metropolitana do Recife”. Existe desde 2017 e reúne adolescentes e jovens adultos em ações de educação midiática (cursos de

---

<sup>6</sup> Todos as informações geográficas relativas às comunidades foram levantadas a partir do Censo 2010.

fotografia e vídeo), documentação e reivindicações variadas junto a prefeitura do município de Paulista.

**Livroteca Brincante do Pina** – Atua desde 1995 na Comunidade do Bode em ações de oficinas, leitura, acompanhamento escolar e rádio comunitária.

**Rede Tumulto** – Atua sobre 12 bairros e comunidades: Totó, Arruda, CDD, Santo Amaro, Jardim Brasil, Coque, Vasco da Gama, Água Fria, Alto José do Pinho, Favela do Papelão e Favela do Detran (todas do Recife) e sobre pequenas comunidades do município vizinho de Jaboatão.

A maior presença no Instagram já vinha sendo observada mesmo antes da pandemia se instalar e se revigorou à medida que a doença passou a migrar de bairros de classe média e classe alta para as zonas periféricas da Grande Recife<sup>7</sup>.

Dado o isolamento social que se estabeleceu desde o dia 14 de Março em Pernambuco<sup>8</sup>, não foi possível acompanhar nas ruas a produção de conteúdo em acontecimentos off-line nas comunidades – programas de rádio feitos com caixa de som, pixações, panfletagem, visitas, entrevistas, pesquisas de opinião, entre outras. Esse conjunto de ações está documentado com riqueza de detalhes e de imagens nas redes dos respectivos grupos e formam um acervo ainda em produção contínua e, até onde a observação das redes permite verificar, feita exclusivamente por grupos formados por moradores que já desempenhavam algum tipo de articulação local com mídias.

A maior novidade desse processo passa pela identificação de um inimigo comum a todas as comunidades e, nesse sentido, por um foco em esforços de esclarecimento, desmistificação de fake news, compartilhamento de informação de ordem sanitária e levantamento de recursos para a compra de cestas básicas, produtos de limpeza e higiene pessoal – elemento este de primeira necessidade ao se considerar o deficitário nível de estrutura de esgotos e de acesso a água limpa no cinturão de cidades que cercam o município do Recife.

---

<sup>7</sup> Essa migração foi verificada em pesquisa desenvolvida pelo Observatório UFPE da Covid-19 e pode ser acessado nesse link: <https://www.ufpe.br/covid-19/observatorio/diagnostico>

<sup>8</sup> Por meio do Decreto 48.809, disponível em <https://legis.alepe.pe.gov.br/texto.aspx?tiponorma=6&numero=48809&complemento=0&ano=2020&tipo=&url=>

## Análise

Um dos primeiros elementos a se identificar nas estratégias desenvolvidas pelos grupos analisados é a importância central do perfil do emissor. Embora sejam perfis de grupos coletivos, a sistemática dos fluxos de postagens expõe uma convergência identitária, não porque a plataforma força um realismo identitário como regra (LEITÃO; GOMES, 2017), mas porque é uma necessidade que esse vínculo seja claro. O principal elemento dessa conexão é a territorialidade – por assim dizer, o local e seus protagonistas na resistência à pandemia, mas sobretudo o local e as formas como ajudar.

Há que se relativizar a perspectiva segundo a qual o realismo identitário (ou seja, a conexão entre quem gerencia os perfis e o perfil) dificulta a experimentação. O grupo formado por esses coletivos expõe a curiosa situação na qual necessitam dessa correlação como elemento de sobrevivência e efeito de suas ações de contra-informação, mas a capacidade coletiva dessa identidade também abre espaços de experimentação não somente no quadrado do dispositivo técnico de mediação Instagram, mas também no continuum entre os modos online de comunicação e off-line de articulação nas ruas. Essa convergência, aliás, é intensificada pelo uso central de imagens (BELELI, 2015) e pela agência dos sujeitos em torno dos perfis analisados – pois eles também possuem um protagonismo importante nos objetivos de cada um dos grupos.

Um outro aspecto importante observado é a capacidade de automapeamento das ações desenvolvidas. Antes que qualquer ação governamental sistemática tivesse sido colocada em prática, os coletivos desenvolveram um mapa interativo que pudesse ser compartilhado de forma aberta noutras redes sociais e assim pessoas interessadas pudessem se mobilizar para ajudar como pudessem. Dessa capacidade de mapeamento rápido fez parte, em todos os grupos, o levantamento de famílias sob risco, gerando listas de espera e prioridade. Toda essa dinâmica é bem documentada nas redes de cada uma das cinco articulações mencionadas.

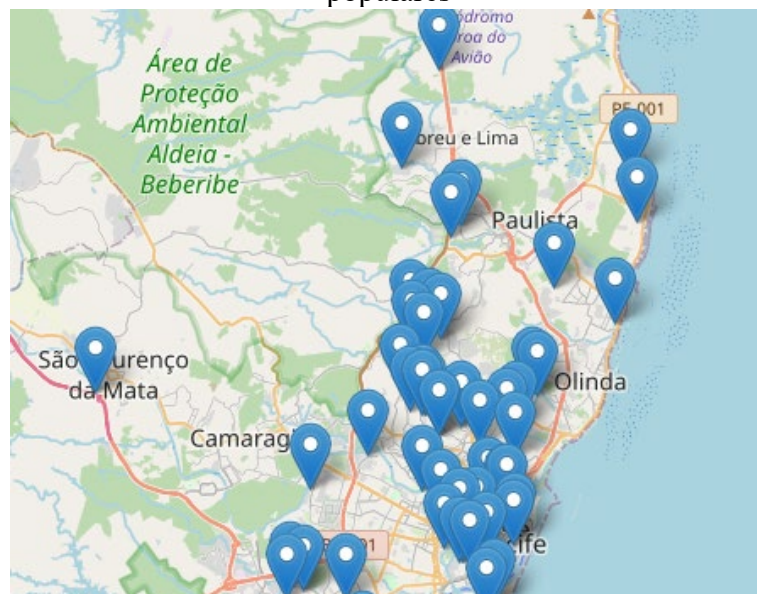
O Mapa de Resistência ao Coronavírus<sup>9</sup>, parcialmente reproduzido abaixo, funcionou como uma porta de entrada para pessoas interessadas em colaborar financeiramente e foi desenvolvido pela Rádio Aconchego<sup>10</sup>. A potência dessa iniciativa expressa a capacidade de articulação em rede como respostas rápida e eficaz (como se verá) para a organização de recursos materiais de uma maneira que ainda não foi possível para o governo estadual.

---

<sup>9</sup> Disponível em <https://mapasolidario.riacho.info/>

<sup>10</sup> Rádio livre que desenvolve ações transversais de formação de pessoal e comunicação com os grupos mencionados nesse artigo

**Figura 1** - Mapa de Resistência ao Coronavírus na Grande Recife produzido por coletivos populares



Fonte: Rádio Aconhego (2020)

O “nós por nós”, impresso como mapa é um índice do abandono social e da incapacidade dos governos de desenvolver políticas de habitação, transporte e saúde de qualidade, que foi acentuada e lida como um gatilho da necessidade de organização em outro nível. Aqui, chegamos ao elemento central, mobilizador dessa articulação. A experiência (no sentido dado por Larossa a essa palavra) histórica da necessidade e da capacidade de dispor dos recursos psicológicos e culturais necessários para ser ator ou protagonista em seu próprio mundo.

Essa orientação aciona a necessidade de “estar atento a tudo e procurar escapar à anomia da exclusão”, como afirma Asante (ASANTE, 2009, p. 95). Se este é um problema linguístico, representa também um desafio, direcionado fundamentalmente ao eu coletivo, de enfrentar a realidade de situações econômicas e culturais previamente construídas. O elemento discursivo central dessa reação é a agência quilombista, que me parece ser mais bem expressa na imagem abaixo.

Figura 2 – Post do perfil do Centro Comunitário Mário de Andrade no Instagram



Figura 2 – Post do perfil do Centro Comunitário Mário de

Andrade no Instagram

Fonte: Centro Cultural Mário de Andrade (2020)

O texto se refere a uma imagem, na qual uma moradora (@arлак\_fagundes) segura um cartaz com as palavras de ordem evocadas pelo Centro Comunitário Mário de Andrade e que dava nome à campanha de arrecadação feita. Na foto, a moradora tinha sobre sua cabeça, na parede, a imagem de um preto-velho, imagem que se junta às palavras do post em referência a uma ancestralidade pela qual lutar. A referência se junta a diversos posts do grupo que remetem à necessidade de auto-organização, autonomia e soberania alimentar como condições para a sobrevivência à pandemia, mas também à exclusão social.

Um texto paradigmático dessa disposição é o que primeiro foi veiculado pela articulação Rede Tumulto, já no período de isolamento decretado pelo governo. Como nos outros grupos aqui analisados, as ações da Rede incorporam um alto grau de perigo de contaminação, articulam ações de comunicação em redes com intervenções presenciais nos territórios e pontuam com frequência uma narrativa dupla: por um lado, que o Estado é ausente e deveria tomar as medidas necessárias para ajudar a favela – numa linha enunciativa de identificação coletiva, que declaradamente procura trabalhar e mostrar outra imagem da

favela, alimentada e resiliente<sup>11</sup>. Por outro lado, essa mesma narrativa pontua uma prática resolutiva, gregária e por autonomia para a sobrevivência. Essa argumentação fica bem resumida nesse primeiro post<sup>12</sup>, escrito pela integrante da Rede Yane Mendes para ilustrar esses elementos e de que me sirvo agora.

O primeiro elemento que chama atenção nesse texto é que ele lembra que as comunidades periféricas, em particular as afrodescendentes, sempre foram pressionadas pela necessidade de adaptação e flexibilidade para sobreviver em um ambiente hostil aos corpos negros. A experiência, ainda que responda a uma condição estrutural, tem formatos específicos de se expressar. O texto também lembra que a pandemia agravou a fome, pelo aumento de desemprego. É muito importante indicar o uso da palavra perrengue, uma expressão popular, que significa situação de escassez de recursos materiais ou financeiros. Mas, mais importante que isso, está presente a preocupação para que as pessoas que recebam a mensagem se movam (“para que a gente se mova na força tarefa de fortalecer esses comparsas que precisam. Dessa força agora”) e deixem as discussões sem efetividade (“textão de Facebook”) de lado.

O texto ainda fala da necessidade de parar com as manifestações (em particular e ironicamente, em relação ao movimento de bater panelas) e passar a encher as panelas, pois “De bucho cheio conseguimos pensar melhor. Conseguimos acreditar que isso tudo vai passar e que vamos está vivos”. É com essa dobra na linguagem que tem início a campanha Enche Panela – no momento em que escrevo, a ação atende semanalmente 250 famílias com doação de cestas básicas e material de limpeza.

A ironia, que foi e é amplamente usada em posts que documentam a ação de lambes como a que é disponibilizada nessa imagem<sup>13</sup> captada nas redes da Livroteca Brincante do Pina. Na imagem, o lambe sendo colado no post tem o seguinte texto: “o presidente é comédia | Ele quer que nós vire balão | Se liga, não mosca! | E se der | Se amoita”. O ‘comédia’ é uma referência popular, na Grande Recife, que coloca sujeito de autoridade numa condição risível, objetificada, ridícula e por isso mesmo impotente. O amoitar-se refere-se a esconder-se. Ressalto tais termos para chamar atenção a uma procura de diálogo, de acesso, ao sujeito das comunidades, que se faz pelo texto, nesse esforço de uso de referentes populares, mas que ultrapassa o próprio texto. Isso porque o registro a que esse link se refere mostra que a ação de

<sup>11</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B\\_TJeZHAu0M/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B_TJeZHAu0M/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 05 ago. 2020

<sup>12</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/B-mjuyHAVgz/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B-mjuyHAVgz/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 05 ago. 2020

<sup>13</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/CAyZxsxnh0C/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CAyZxsxnh0C/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 05 ago. 2020

colagem é concomitante ao diálogo com as pessoas no mesmo momento, em uma cadeia que é festiva mas também muito séria.

Todos os grupos colocaram em prática algum tipo de ação para arrecadar material de limpeza e alimentos. Também disponibilizaram contas bancárias e organizaram vaquinhas usando diferentes mecanismos. Em todos esses casos, manteve-se uma prática de contínua e aberta prestação de contas<sup>14</sup> por meio de fotos que ilustravam as arrecadações dos itens comprados e também os processos de doação.

A criação de identidades visuais próprias para as postagens, a criação de materiais informativos próprios (como lambes já mencionados ou cartilhas<sup>15</sup> e panfletos<sup>16</sup>) muito próprias à Rede Tumulto, ao Coletivo Força Tururu e ao Centro Comunitário Mário de Andrade não é uma regra. A Rede Orgânica Periférica de Olinda faz uso de imagens, cards e material de divulgação de um espectro largo de fontes, do MST à prefeitura da cidade do Recife (ainda que os integrantes da rede sejam todos de Olinda), passando pela Fundação Marielle Franco, Fórum de Mulheres de Pernambuco, entre outros. Vale a procura por fazer vale, de forma resolutiva, os principais objetivos da articulação, independente da procedência dos conteúdos e plataformas utilizados. Ainda assim, a Rede é uma das que conseguiu desenvolver um mapeamento próprio<sup>17</sup>, com o qual começou uma série de postagens em busca de visibilidade e apoio.

É interessante uma observação sobre a Livroteca Brincate do Pina e suas estratégias de enfrentamento da pandemia. O grupo se posiciona como um “Projeto de incentivo à leitura, integração artística, cultural e ambiental que tem como base uma biblioteca comunitária, com foco na informação popular. Localizado na Comunidade do Bode, bairro do Pina, Zona Sul do Recife, trabalha em parceria com a própria comunidade, com o empresariado e governo público, mobilizando recursos e suporte social desde 1995. A iniciativa é focada em crianças e adolescentes com uma programação contínua que inclui, entre outras atividades, acompanhamento das crianças e jovens no processo de alfabetização; acompanhamento escolar; aulas de canto; aulas de desenho gráfico; aulas de música; aulas de vídeo; contação de histórias; criação, ilustração e pintura de histórias; curso de espanhol.

Toda essa programação foi reorientada no sentido de informar a população da comunidade com orientações de saúde que evitem o contágio contra a Covid. Para isso,

---

<sup>14</sup> Um entre muitos exemplos disponível em [https://www.instagram.com/p/CBQ14uenAIM/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CBQ14uenAIM/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 05 ago. 2020

<sup>15</sup> Exemplo disponível em [https://www.instagram.com/p/CAYwYdxHfrD/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CAYwYdxHfrD/?utm_source=ig_web_copy_link)

<sup>16</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/CAjMQtnnyn5/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CAjMQtnnyn5/?utm_source=ig_web_copy_link)

<sup>17</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/B\\_KxzSgZEa/](https://www.instagram.com/p/B_KxzSgZEa/)

mobilizou sua infraestrutura física, parceiros locais e artistas formados nas oficinas. A Livroteca também produziu panfletos<sup>18</sup> com essas informações. Analiso alguns elementos da rádio de andada (nome dado aos programas de rádio veiculados de forma móvel, com caixas de som montadas numa bicicleta) ‘A Voz da Lama’, que produziu o Passinho<sup>19</sup> da Prevenção, disponível nesse link.

A música expressa outro elemento comum, já apontado nalguns dos conteúdos do Centro Mário de Andrade e da Rede Tumulto: a ironia e o bom humor. O uso de termos populares para comunicar a ameaça ou informações de base científica contra a doença também estão presentes. Mais de um vídeo foi produzido ilustrando a produção (sonora) desse conteúdo em estúdio e sua veiculação móvel, numa sobreposição midiática perceptível no texto.

Um dos posts no Instagram<sup>20</sup> sobre a rádio A Voz da Lama descreve a programação de emergência e menciona que “não adianta estar em vários meios de comunicação e a mensagem não for entendida por todos os públicos. É preciso representatividade”. Também indica que “Onde o sistema não entra, a arte dá um jeito de entrar. A informação é o maior combate a todos os vírus”. No texto, o coletivo expressa não somente a necessidade de uma informação correta como fator fundamental de prevenção e de saúde, mas também um entendimento de estarem isolados, sem poder contar com a institucionalidade governamental (o sistema) que não desenvolve ações de apoio para a comunidade. A compreensão da necessidade de fazer por si próprio está vinculada, quilombisticamente, à articulação das armas necessárias ao combate do inimigo: nesse caso, o que são mobilizados são tecnologias de cuidado.

## Considerações Finais

O principal elemento que sobressai do conjunto de conteúdos gerados pelos grupos analisado é uma capacidade auto-reflexiva, colocada aqui sob a ótica da articulação quilombista. Ou seja, uma percepção, presente nos conteúdos, de que o cinturão de comunidades em que atuam os grupos analisados estão entregues à própria sorte. Dessa percepção deriva uma produção de conteúdos identitária, vinculada e direcionada ao território,

---

<sup>18</sup> Alguns exemplos aqui: [https://www.instagram.com/p/B\\_NLf7EH84X/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B_NLf7EH84X/?utm_source=ig_web_copy_link)

<sup>19</sup> Passinho é um estilo musical que articula o estilo brega recifense com o funk carioca.

<sup>20</sup> Disponível em [https://www.instagram.com/p/CD4CM4jun7kl/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CD4CM4jun7kl/?utm_source=ig_web_copy_link)



e que usa significantes próprios para estabelecer diálogo e esclarecimento sobre questões de ordem sanitária.

A busca de autonomia mas também a necessidade de dinâmicas resolutivas se impõem em campanhas midiáticas por recursos materiais (material de limpeza e cestas básicas). O uso intensivo de imagens, fotos e vídeos, referências culturais, piadas e ironias, protagonizam mecanismos de defesa às ameaças representadas pela pandemia.

Mas essas características todas são conduzidas por uma lógica de cuidado, toda uma metodologia de atenção conduzida, em sua maior parte, por mulheres ou inspirada por suas experiências. Volto a duas questões que fiz antes: o que acontece quando a crise sanitária recomenda a não convivência e o contato social? Como escapar de um processo de reificação que endereça as soluções (para os problemas causados pela pandemia) às ferramentas de conexão e minimiza a necessidade de adequar metodologias de ação, intervenção e aprendizado?

Será necessário ainda sistematizar as respostas possíveis a essas perguntas. Mas parece razoável afirmar que o hábito do cuidado no espaço privado transbordou em sistemáticas reticulares de produção e articulação, gestão e comunicação em comunidades e bairros populares. Esse aspecto parece ser reforçado pelo movimento de “se voltar para si” através das práticas quilombistas sugeridas nesse texto.

Parece, assim, que possíveis estratégias de leitura crítica da mídia e produção de conteúdos que procurem minimizar os efeitos de um contexto de desinformação atual precisam estabelecer associações com essas disposições e sistemáticas, caso queiram ser efetivas em contextos periféricos como os foram analisados aqui.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009.

ALVES, Karina; MESQUITA, Rui; ANTUNES, Thiago. Falar é fôlego, obrar é sustança: imagem e visualidade como relação na política. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental do Rio Grande**, Dossiê temático “Imagens: resistências e criações cotidianas”, v. 37, N 2, p. 469-486, jun. 2020.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentralidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). **Afrocentricidade – Uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BELELI, I. O imperativo das imagens: construção de afinidades nas mídias digitais. **Cadernos Pagu**, v. 44, p. 91-114, 2015.

BRASIL, André. Formas de vida na imagem: da indeterminação à inconstância. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 17, n3, p.190-198, 2010.

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 24, p. 110 - 124, 2004.

BISPO, Nêgo. A influência das imagens na trajetória das comunidades tradicionais. In. VILELA, Bruno. **Mundo, Imagem, Mundo – Caderno de reflexões sobre a fotografia**. Belo Horizonte: Malagueta Produções, 2018.

CENTRO COMUNITÁRIO MÁRIO DE ANDRADE. **@arлак\_fagundes está junto com a campanha**. 29 mar. 2020. Instagram: @centrocomunitariomario. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B-U6-TjngCY/?igshid=gsim5jrknv3a>. Acesso em: 1 jul. 2020.

LEITÃO, Débora; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, n. 42, p. 41-65, 2017.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DIOP, Cheikh Anta. **Antériorité des civilisations nègres : mythe ou vérité historique?** Paris: Présence africaine, 1967.

GALLO, Silvio. As múltiplas dimensões do aprender... In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO, 2012, **Anais ...** Florianópolis: COEB, 2012. .

LATOUR, Bruno. **Imaginar gestos que barrem a produção pré-crise**. São Paulo: n-1 Edições, 2020. Disponível em: <https://n-1edicoes.org/008-1>. Acesso em: 29 jul. 2020.

LARIVIÈRE, V., SHU, F. and SUGIMOTO, C. O surto de coronavírus (COVID-19) ressalta sérias deficiências na comunicação científica [Publicado originalmente no LSE Impact Blog em março/2020] [online]. **SciELO em Perspectiva**, 2020 [viewed 29 July 2020]. Disponível em: <https://blog.scielo.org/blog/2020/03/12/o-surto-de-coronavirus-covid-19-ressalta-serias-deficiencias-na-comunicacao-cientifica/> . Acessado em: 29 jul. 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**, 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2019.

NUNES, João. A pandemia de Covid1-9: securitização, crise neoliberal e a vulnerabilização global. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 36, n.5, 2020.

RÁDIO ACONCHEGO. **Mapa da Resistência ao Coronavírus**. Disponível em: <https://radioaconchego.milharal.org/?s=mapa+solid%C3%A1rio>. Acesso em: 1 jul. 2020.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento** – Política e filosofia. São Paulo, Editora 34: 1996.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Encantamento** – sobre política de vida. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

---

<sup>a</sup> Doutor em sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente do curso de Jornalismo e do Mestrado em Indústrias Criativas da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Tem interesse sobre estudos pós-coloniais da ciência e tecnologia, pedagogias afroperspectivistas, tecnologias livres, metodologias abertas de aprendizado no cruzamento de experiências, investigações e conhecimentos em que se encontrem cultura, tecnologia e política.

#### **Conflito de interesses**

Não há conflito de interesses.